**DIVERSIDADE CULTURAL E EXCLUSÃO ESCOLAR: ALGUMAS RELAÇÕES POSSÍVEIS.**

José Ismaildo Dantas de Oliveira

Professor da Educação Básica. Graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, E-mail: [ismaildodantas19@gmail.com](mailto:ismaildodantas19@gmail.com)

Débora Maria do Nascimento

Professora do Ensino Superior - UFRN

E-mail: [pedeboramar@yahoo.com.br](mailto:pedeboramar@yahoo.com.br)

Maria Jocelma Duarte de Lima

Professora da Educação Básica. Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, E-mail: [jocelmaduarte@yahoo.com.br](mailto:jocelmaduarte@yahoo.com.br)

Maria Miraíre Pereira Silva

Professora da Educação Básica. Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, E-mail: [miraire@hotmail.com](mailto:miraire@hotmail.com)

**Resumo:** O principal objetivo deste artigo é discutir a relação entre a diversidade cultural e a exclusão escolar, com vistas a trazer para o debate a importância do trabalho com a temática da diversidade nas salas de aula como pressuposto para o enfretamento da exclusão. Busca inicialmente traçar a conceituação de diversidade e cultura para, em sequência, debater sobre sua relação com a exclusão. É um estudo de natureza qualitativa, porque nas discussões sobre a temática em questão interpreta a realidade a partir da análise interpretativa sem apontar dados, a prioridade não é quantificá-los. Para tanto, se utilizou da pesquisa bibliográfica e de campo, onde no que diz respeito ao processo de análise teórica, abordou autores que enfatizam a exclusão e as desigualdades educacionais numa perspectiva crítica, quando defendem que elas são frutos das relações sociais e não provocadas pelo próprio indivíduo excluído. A pesquisa vem mostrar que a exclusão escolar quando percebida pelos estudiosos, não se refere apenas a questões físicas, mas também a questões de etnias, religião, gênero e outras, relacionando-se assim, com a temática da diversidade cultural e, dessa maneira, enfocando que é necessário um trabalho cada vez mais intenso sobre essa temática dentro das salas de aulas para que a escola seja um lugar mais igualitário.

**Palavras-chave:** Diversidade. Cultura. Exclusão. Escola.

**INTRODUÇÃO**

Desde nosso nascimento somos inseridos em uma sociedade marcada pela diversidade, em toda sua plenitude, seja em âmbito social, cultural, étnico, religioso ou de gênero. Estamos rodeados de diferenças e somos desafiados, permanentemente, a reconhecê-las e respeitá-las, assumindo concepções e atitudes que incorporem a pluralidade como constitutiva da natureza humana. Assim, a igualdade está oposta a desigualdade e não à diferença, vez que esta se opõe a padronização e a uniformidade.

Nessas condições, percebemos que refletir, criticamente, sobre a diversidade é algo necessário para uma melhor redefinição de nós mesmos, numa dimensão teórico-prática, com vistas a otimizar a convivência entre os diferentes, seja nas famílias, nos grupos de amigos, nas instituições religiosas, políticas e, mais particularmente, nas escolas, visto que a educação, se considerada sua função social, deve primar pela formação cidadã e, nessa ação, apreender a diferença entre os diversos grupos sociais. A educação (tanto informal, quanto formal) cumpre um papel fundamental nessa socialização dos indivíduos.

Dessa maneira, esta pesquisa surge de duas inquietações, quais sejam: 1. Quais relações podem ser estabelecidas entre a diversidade cultural e a exclusão escolar? 2. O trabalho com a diversidade cultural pode ser um possível caminho para uma maior inclusão escolar?

Nesse horizonte, temos como nossos objetivos discutir criticamente a possível relação entre a diversidade cultural e a exclusão escolar, assim como, compreender a importância do trabalho com a temática da diversidade nas salas de aula como um possível enfretamento da exclusão. É um estudo de natureza qualitativa, pois buscou aprofundar as discussões sobre a temática em questão sem apontar dados ou quantificá-los. Esse tipo de pesquisa permite uma melhor descrição e compreensão das causas ou consequências de uma determinada problemática, vendo que, segundo Bogdan e Biklen (1994, p. 48), “Os  investigadores qualitativos frequentam os locais de estudo porque se preocupam com o contexto. Entendem que as ações podem ser mais bem compreendidas quando são observados no seu ambiente habitual de ocorrência [..].” Dai, percebe-se que a pesquisa qualitativa é uma opção significativa ao investigador que busca entender a natureza de um determinado fenômeno social. (RICHARDSON, 1999).

Ao longo do processo de investigação a pesquisa de campo realizada por meio da busca dos estudos bibliográficos, tenciona uma integração dos dados obtidos bibliograficamente como de suma importância, pois no que diz respeito ao processo de análise teórica, utilizamos autores que enfatizam a exclusão e as desigualdades educacionais numa perspectiva crítica. Nessa perspectiva, a pesquisa bibliográfica ainda é capaz de realizar a afirmação de resultados já obtidos através de trabalhos anteriores, ajudando assim, a entender o que já foi pesquisado e o que ainda pode ser relevante em uma nova investigação, promovendo certa interação entre os pesquisadores de uma mesma temática.

Neste artigo enfocaremos resultados da pesquisa teórica realizada, abordando nas sessões a seguir: o conceito de cultura e diversidade; diversidade cultural e exclusão na escola e na sala de aula; formação de professores e práticas pedagógicas para a diversidade cultural.

# APONTAMENTOS PARA UMA CONCEITUAÇÃO DE CULTURA E DIVERSIDADE

Para tratarmos da definição de cultura temos que refletir inicialmente sobre o que diz Santos (1994, p. 7) que “[...] ao discutirmos sobre cultura temos sempre em mente a humanidade em toda a sua riqueza e multiplicidade de formas de existência”. Dessa maneira, a cultura se encontra aliada ao homem desde o seu nascimento, envolvendo todas as suas formas de viver e faz parte de tudo que o rodeia e rodeia sua comunidade.  Santos (1994), ainda defende que a cultura consegue abranger toda a humanidade, como também, a cada um dos povos, das nações, ou grupos. Essa característica já nos traz uma grande variedade de culturas  particulares e nos apresenta uma ideia de construção da diversidade cultural.

Ao partirmos dessa conceituação de que “[...] a compreensão da cultura exige que se pense nos diversos povos, nações, sociedades e grupos humanos,” (SANTOS 1994, p. 9), podemos entender a existência da diversidade cultural por meio desse pensamento de variação e interação entre os diferentes povos. Vendo que essa é uma ação necessária para que se tenha um conceito de cultura. Logo, ao mesmo tempo em que é uma ação necessária, ela acarreta uma complexidade para a definição do conceito de cultura, pois, pensar em todas essas diversidades de povos, nações, sociedades e grupos humanos não é algo simples.

Ainda na busca de uma definição mais concreta a respeito do termo cultura, podemos refletir sobre as manifestações artísticas, o que também implica em refletir sobre os diferentes modos de viver, vejamos; o teatro, a música, a pintura, a escultura, o cinema, a televisão, o rádio e, outras formas de manifestações artísticas, são meios significativos para a apresentação da realidade de um povo, do seu tempo e também de sua cultura. Dessa forma, temos um ponto de partida para o entendimento do termo cultura e diversidade. Santos (1994) vem demonstrar que a cultura se manifesta nas cerimônias dos povos, nas festas tradicionais, nas lendas e crenças, no modo de se vestir, na comida e até mesmo em seu idioma. O que atesta o quanto as culturas são diversas e diferentes entre os humanos.

Outro autor que discuti sobre o conceito de cultura é Laraia (2000). Em seus estudos o autor traz conceitos antropológicos do termo cultura. Como também, apresenta a discussão sobre cultura por meio do determinismo biológico e geográfico. No que diz respeito ao determinismo biológico Laraia (2000, p. 17) vem dizer que “Os antropólogos estão totalmente convencidos de que as diferenças genéticas não são determinantes das diferenças culturais.” Ou seja, os comportamentos e diferenças entre os seres humanos independem das características genéticas.

Em outras palavras, uma pessoa pode incorporar culturas diferentes daquela cultura correspondente ao seu local de nascimento. Vejamos; uma criança pode ser educada em culturas diferentes da dos seus antepassados, desde que ela esteja desde o inicio em circunstâncias oportunas de aprendizado, pois assim, esse individuo terá as mesmas oportunidades de desenvolvimento que os demais dentro dessa “nova” cultura.

Outra questão abordada por Laraia (2000) a respeito do determinismo biológico e a cultura, é a questão do comportamento de homens e mulheres, na qual muitas tarefas que são encargos das mulheres em algumas culturas, podem ser responsabilidades dos homens em outras, ou seja, são determinantes culturais e não biológicos, considerando as diferenças entre os sexos masculinos e femininos.

Dessa forma, a presença da diversidade é cada vez mais expressiva em nosso meio, o que contribui gradativamente para uma preocupação de convívio sadio entre os diferentes. Este não é um processo fácil, pois, é  decorrente de uma construção histórica e também cultural, na medida em que, nossa sociedade não foi educada para o convívio concretizado na aceitação das diferenças.

Sobre esse pensamento, Laraia (2000) nos diz que:

Cada sistema cultural está sempre em mudança. Entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos. Da mesma forma que é fundamental para a humanidade a compreensão das diferenças entre povos de culturas diferentes, é necessário saber entender as diferenças que ocorrem dentro do mesmo sistema. Este é o único procedimento que prepara o homem para enfrentar serenamente este constante e admirável mundo novo do porvir. (LARAIA, 2000, p. 105).

Podemos destacar que nosso sistema cultural, de fato, é mutável, pois, na medida em que ocorre o desenvolvimento da vida, da sociedade, do homem e do que está ao seu redor, à cultura também se desenvolve. Por exemplo, hoje temos uma cultura muito mais tecnológica do que há algumas décadas e, é necessário que as gerações entendam essas mudanças para que se tenha uma melhor aceitação do novo e das diferenças.

Por fim e de acordo Laraia (2000), podemos concluir que “a discussão não terminou — continua ainda — e provavelmente nunca terminará, pois uma compreensão exata do conceito de cultura significa a compreensão da própria natureza humana, tema perene da incansável reflexão humana”. (LARAIA, 2000, p. 65). O resultado é que temos conceitos relativos sobre cultura, alguns são mais simples outros mais complexos, mas é inegável a existência das culturas e suas diferenças, assim como, de sua diversidade em qualquer campo de nossa sociedade.

**DIVERSIDADE CULTURAL E EXCLUSÃO NA ESCOLA E NA SALA DE AULA**

Levando em consideração que a escola é uma instituição social e que assim “[...] as vantagens ou desvantagens sociais são convertidas progressivamente em vantagens e desvantagens escolares” (BOURDIEU, 2008, p. 52), podemos relatar que essa instituição tem em seu meio as dificuldades enfrentadas diariamente pela sociedade.

Enfocando as desigualdades entre as culturas, na qual a escola é um espaço que reúne uma grande diversidade e, dessa forma, necessita demonstrar um trabalho produtivo diante dessa desigualdade, para que aqueles pertencentes às culturas menos favorecidas, tanto socialmente quanto educacionalmente, possam ver nas escolas a possibilidade de um melhor futuro. Faz-se necessário desenvolver práticas pedagógicas que visem à busca da igualdade entre as diferentes culturas, para que assim, a escola não seja vista como um espaço de ideologia monocultural. A esse respeito Candau (2010) diz que:

Hoje esta consciência do caráter homogeneizador e monocultural da escola é cada vez mais forte, assim como a consciência da necessidade de romper com esta e construir práticas educativas em que a questão da diferença e do multiculturalismo se façam cada vez mais presentes.(CANDAU, 2010, p. 15)

Esse trabalho com a diversidade cultural e as diferenças seria eficiente, na medida em que não devemos tratar as culturas como superiores ou inferiores, mas apenas como diferentes, e assim, todas merecendo o mesmo valor tanto dentro das escolas como fora delas.

Infelizmente essa noção de diferença sem inferioridade ou superioridade ainda não é uma realidade em nosso meio social ou educacional, vendo que a maioria dos problemas educacionais, possivelmente, decorre de problemas sociais, e nesse aspecto temos uma sociedade padronizada em que todos devem seguir o mesmo modelo de cultura para não serem vítimas de preconceitos e exclusões, o que também corrobora para o fracasso escolar.

Segundo Bourdieu (2008) as crianças que não pertencem à pequena burguesia e que são oriundas de classes e culturas menos favorecidas são prejudicadas no que diz respeito ao êxito escolar, vendo que a sua cultura não é tão valorizada pela escola. Diferentemente das crianças que pertencem a uma cultura burguesa, uma vez que, sua classe “[...] adere mais fortemente aos valores escolares, pois a escola lhe oferece chances razoáveis de satisfazer a todas suas expectativas, confundindo os valores do êxito social com os do prestígio cultural.” (BOURDIEU, 2008, p. 48).

Já Candau (2010) vem chamar a atenção dos educadores para estarem atentos a essa questão dá não valorização da cultural de forma igualitária, a autora diz que é necessária a ampliação do horizonte cultural e não a valorização da pequena burguesia.

Os educadores e educadoras estão chamados a enfrentar as questões colocadas por esta mutação cultural, o que supõe não somente promover análise das diferentes linguagens e produtos culturais, como também favorecer experiências de produção cultural e de ampliação do horizonte cultural dos alunos e alunas, aproveitando os recursos na comunidade escolar e na sociedade. (CANDAU, 2010 p. 35)

Por isso, os profissionais da educação não devem ignorar a diversidade cultural, nem se acomodar frente às dificuldades que englobam o trabalho com essa temática na sala de aula. Essa é uma problemática que exige bastante empenho, vendo que além de trabalhar a aceitação do diferente em si mesmo, os educadores devem promover trabalhos coletivos na mesma perspectiva, em que todos os envolvidos saibam considerar a diversidade, e dentro desta, enxergar o outro como sujeito de direito e respeitar todas as suas características.

Essa exclusão silenciosa, mas bastante evidente, é algo característico da nossa educação, na qual, mesmo oferecendo uma educação para todos, poucos conseguem, de fato, se sentirem inclusos. Pois, é garantido o acesso as escolas, mas não se garante o mesmo tipo de escolarização, uma vez que, temos diferenciações institucionais, em sua maioria se designa escolas para pobres e escolas para ricos. Gentilli (2003) nos diz:

Em outras palavras, ao ampliar o acesso e a permanência em um sistema educacional cuja própria estrutura é segmentada, as possibilidades de ingresso e egresso do aparelho escolar acabam sendo também inevitavelmente diferenciadas. Que todos tenham acesso à escola não significa que todos tenham acesso ao mesmo tipo de escolarização. (GENTILI, 2003, p. 37)

Isso ocorre justamente porque a contextualização da educação ainda é de forma seletiva. Não estamos vendo o todo e não conseguimos ainda uma educação que perpasse as exclusões que ocorrem fora dos muros das escolas. Infelizmente isso é um fato construído historicamente, pois desde o surgimento das instituições escolares a classe burguesa é a mais favorecida e a que mais tem uma cultura contextualizada dentro das instituições, o que pode gerar a exclusão ou a evasão dos alunos menos favorecidos.

Temos, então, um grande desafio nessa busca pela igualdade e reconhecimento das diversidades culturais dentro das escolas, vendo que somente através de um olhar mais crítico sobre o convívio com o diferente e sobre como a escola vem trabalhando essa temática, é que poderemos enxergar a diversidade do outro como algo que nos enriquece e não como algo que nos afasta e nos hierarquiza. As possibilidades do trabalho pedagógico com a diversidade cultural nesse espaço ser produtivo não são poucas, entretanto, a percepção sobre as particularidades existentes em cada aluno neste cenário ainda é baixa.

O problema pode se agravar quando os professores não introduzem o trabalho com a diversidade cultural em sua prática, quando não o vêem como necessário no processo de ensino-aprendizagem e não classificam a sua ausência como uma possível falha para a formação humana de seus alunos.

Esse pensamento ganha força na medida em que os alunos não conseguem êxito escolar, justamente por não se sentirem incluídos e atraídos pelo conhecimento posto pelas instituições, e diante disso são taxados como alunos difíceis, o que também traz implicações para o trabalho docente. Segundo Carraro (2010)

Muitos dos problemas que os educadores enfrentam nas muitas salas de aula e espaços escolares deste país com os jovens alunos, têm origem em incompreensões sobre os contextos não escolares, os cotidianos e os históricos mais amplos, em que esses estão imersos. (CARRARO, 2010 p.193)

Dessa maneira, é necessário que os professores enxerguem a realidade de seus alunos e a diversidade cultural. E assim, busquem trabalhar de forma significativa, valorizando os conhecimentos que todos já trazem de suas culturas e de suas vidas. Caso contrário, continuaremos dando “corda” para um ambiente cada vez mais excludente, no qual a tendência é o abandono e aumento no número de evasão escolar.

**FORMAÇÃO DE PROFESSORES E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA A DIVERSIDADE CULTURAL**

Um fator também bastante pertinente nessa discussão entre escola, aluno, diversidade cultural e exclusão, diz respeito à formação dos professores, em que podemos encontrar lacunas que somam cada vez mais para a esfera da exclusão. Pois, é de fato, uma possível falha na formação docente não ter uma preparação relevante para o trabalho com a diversidade cultural na sala de aula, o que pode ocasionar, na ausência de práticas pedagógicas que privilegie o respeito à diversidade e o enfrentamento da exclusão escolar.

Dessa maneia, temos uma manifestação de estudos acerca do currículo que forma os docentes, Moreira (1999),  em seus estudos acerca da formação de professores, multiculturalismo e currículo, destaca a relevância de enfrentar os preconceitos dos futuros docentes, assim como também, enfoca a necessidade do aprofundamento em discussões a respeito da relação do professor com a diversidade cultural e o multiculturalismo. Faz uma crítica a essa deficiência na formação dos professores e também alerta que essa é uma preocupação contemporânea.

Ao mesmo tempo em que defendo que essa formação seja informada por um enfoque multicultural, alerto para dificuldades teóricas e práticas que encontro em recentes análises e propostas formuladas nessa direção. O argumento central é que o preparo de um professor comprometido política e academicamente, apesar dos riscos apontados, pode beneficiar-se da preocupação com a diversidade cultural. (MOREIRA, 1999, p. 83)

 De fato, o professor precisa de uma formação a respeito da diversidade cultural que o espera dentro da sala de aula, para que assim, tenha consciência de que ele poderá em sua prática trabalhar com todas essas culturas e não apenas com as tidas como mais relevantes dentro das escolas. Caso contrário, ele possivelmente estará compartilhando da visão equivocada de que temos uma cultura superior e promovendo uma possível exclusão das demais, que são justamente aquelas já excluídas pela sociedade.

Dessa forma, enfrentar as desigualdades culturais é hoje uma das principais lutas educacionais e exige uma série de políticas articuladas na valorização das minorias. Políticas que possam discutir mudanças, desde a formação docente até as práticas dentro das escolas. Assim, poderemos esperar “[...] uma escola que ajude a reconhecer a diferença entre dois pés descalços, e a sentir vergonha ao descobrir que, muitas vezes, só somos capazes de perceber a existência daquele que supostamente perdeu o sapato”. (GENTILI, 2003, p. 43).

Um dos pontos mais importantes na formação docente a respeito da diversidade cultural diz respeito às práticas pedagógicas, que devem ter  um olhar mais significativo para a cultura da população que ao longo da história vem sofrendo com seus direitos violados. (TRINDADE, 2002).

Trindade (2002), a respeito dessa prática docente, diz que é necessário:

Uma prática docente política, ideológica e humanamente comprometida com nosso povo mestiço, belo, forte, que luta, que surpreende, que rir, que chora, que cria cotidianamente saberes e estratégias, práticas que possibilitem viver/sobreviver, num tempo em que a exclusão social é vista como um valor positivo e como inevitável. Uma prática docente que tenha como palavras chaves o diálogo, o estudo, a criação, o desejo e o compromisso com a transformação social, com a construção mesmo de uma amorosa cidadania. (TRINDADE, 2002, p. 16)

De fato, precisamos encarar toda essa problemática que envolve a diversidade cultural, a exclusão nas escolas e a formação docente, assim como, precisamos ser verdadeiros com nossos alunos e conscientizá-los de que temos uma sociedade excludente, uma sociedade na qual poucos são vistos, a fim de que eles também possam refletir sobre seu papel no mundo e possam assim lutar contra qualquer tipo de preconceito, violência ou desigualdade.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Iniciamos esse trabalho com inquietações acerca do alcance, ou não, de nossos objetivos, assim como, se de fato, as perguntas problemas que nortearam a pesquisa foram respondidas de forma satisfatória no decorrer desta investigação, em que buscamos refletir acerca da diversidade cultural e sua relação com a exclusão escolar.

Vale esclarecer que fica entendido que a diversidade cultural é um fator presente nos vários ambientes sociais, não sendo diferente nas escolas, o que enfoca a necessidade de trabalharmos com essa temática nas salas de aula, vendo que, em meio às diversidades existem culturas que são mais apreciadas que outras.

Assim sendo, compreendemos que há a relação entre diversidade cultural e exclusão escolar, pois essa relação apresenta-se através da valorização diferenciada da cultura nas escolas, o que pode acarretar na exclusão dos alunos pertencentes às culturas menos valorizadas. O trabalho com a diversidade cultural, de modo a valorizar o respeito entre as diferenças, é um caminho possível para o enfrentamento dessas exclusões, não somente dentro das escolas, mas em meio à sociedade como um todo.

Vale ainda fomentar a necessidade de englobar a cultura dos alunos nos currículos escolares, assim como, inclusão do tema da diversidade cultural no currículo dos cursos de formação docente, promovendo o trabalho com essa temática desde cedo, tanto com os professores, como com as crianças nos primeiros anos de escolarização.

Por fim, deixamos como possibilidades para a diminuição da exclusão escolar o trabalho com as diversidades, destacando que é necessário incentivar e promover projetos pedagógicos com ações e reflexões dentro da escola, que valorizem a diversidade e o respeito às diferenças, abrangendo todos os envolvidos no processo educacional, como: pais, alunos, professores, grupo gestor, funcionários e se possível à própria comunidade. Necessita-se ainda de um ensino interdisciplinar que respeite a cultura da comunidade levando em consideração suas particularidades e cada realidade social existente no ambiente escolar. Em suma, as discussões apresentadas nesta pesquisa podem ser de grande valia para que o professorado repense suas práticas e os meios de superação das desigualdades e exclusões que cercam o nosso cenário educacional.

**REFERÊNCIAS**

BOGDAN, Robert C; BIKLEN, SariKnopp (1994). **Investigação qualitativa em Educação.** Portugal: Porto Editora LTDA.

BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, M. A. e CATANI, A. (orgs.) **Escritos de Educação.**10. ed.Petrópolis, RJ : Vozes, 2008.

CANDAU, Vera Maria. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, Antônio Flávio; CANDAU, Vera Maria (Orgs.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

CARRARO, Paulo. Identidades culturais juvenis e escolas: arenas de conflitos e possibilidades. In: MOREIRA, Antônio Flávio; CANDAU, Vera Maria (Orgs.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

GENTILI, Pablo. A exclusão e a escola: o *apartheid* educacional como politica de ocultação. In: GENTILI, Pablo; ALENCAR, Chico. **Educar na esperança em tempos de desencanto.** 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. Cap. 1. p. 27-43.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura, um conceito antropológico.**13. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa (Org.). **Currículo: políticas e práticas.** Campinas, SP: Papirus, 1999.

NETO, Otávio Cruz. O trabalho de campo como descoberta e criação. In:MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.).**Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001. p.51-66.

SANTOS, José Luiz dos.**O que é Cultura**. 14 ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 1994.

TRINDADE, AzoildaL. Olhando com o coração e sentindo com o corpo inteiro no cotidiano escolar. In: TRINDADE, AzoildaL, SANTOS Rafael, (orgs). **Multiculturalismo: mil e uma faces da escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social:** métodos e técnicas/ colaboradores José Augusto de Souza Peres.... (et al.) São Paulo: Atlas, 1999